

ADOLESCENTES E SEXUALIDADE: CONHECENDO NOVAS POSSIBILIDADES NO TRABALHO EDUCATIVO

Área Temática de Saúde

Resumo

Este estudo descreve a experiência do subprojeto: “O Cuidar de Crianças e Adolescentes”, do Programa de Aprimoramento Discente da UFMG desenvolvido em parceria pela Escola de Enfermagem, Equipe de Saúde da Família e uma escola, em Belo Horizonte. Trabalhamos na área de abrangência mais carente, onde percebemos, por parte dos adolescentes, crescente demanda por orientação relacionada à sexualidade. Objetivos: proporcionar condições para o jovem se conscientizar da sua responsabilidade para com sua saúde e sexualidade; desenvolver ações educativas junto aos adolescentes. Como proposta metodológica, optamos pela realização de oficinas educativas sobre sexualidade. Baseamos na concepção participativa e problematizadora de Paulo Freire cujo desenvolvimento implica na utilização de diferentes estratégias e recursos tais como: teatros, jogos educativos e interativos, dinâmicas de grupo e dramatizações, numa lógica de “aprender brincando”. Trabalhando temas em relação à sexualidade, levantados junto aos mesmos, percebemos como o adolescente se sente à vontade para expor experiências vivenciadas, participando ativamente das oficinas. Consideramos que o adolescente espera um direcionamento na trajetória de sua vida sexual, nada autoritário, metódico e científico, mas uma orientação honesta, isenta de preconceitos que os direcione na formação de atitudes perante o sexo e a vida.

Autores

Natália de Cássia Horta - graduanda

Eliana Aparecida Villa - Mestre em Enfermagem

Instituição

Escola de Enfermagem

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; oficinas

Introdução e objetivos

O Programa de Aprimoramento Discente (PAD) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) envolve diversos projetos que têm por objetivo levar para a comunidade os conhecimentos gerados no contexto acadêmico e, ao mesmo tempo, proporcionar a estes a otimização do seu potencial, incentivando-os ao exercício da prática, aliado aos conhecimentos teóricos, em consonância com a realidade.

Segundo LEÃO (1998), a universidade, como instituição pública formadora de recursos humanos, deve procurar uma integração efetiva com as demais instituições e aumentar a sua contribuição, de forma que suas atividades estejam voltadas para busca de soluções dos problemas sociais que afetam, principalmente, grupos mais vulneráveis como a criança e o adolescente. Assim, na graduação é importante buscar a formação de profissionais críticos, competentes e voltados para questões sociais.

Na Escola de Enfermagem da UFMG, dentro do Programa de Aprimoramento Discente (PAD) “O cuidar de crianças e adolescentes” fazem parte 4 sub-projetos que têm como eixo comum a assistência à criança e ao adolescente em diferentes serviços de saúde de

Belo Horizonte, com propostas diferenciadas de acordo com as características específicas de cada local de atuação.

Um desses subprojetos denomina-se “Assistência à criança e ao adolescente em nível primário de atenção”, cuja principal linha de trabalho são atividades de prevenção e promoção à saúde da população adolescente.

Desde janeiro de 2003, foi-nos apresentada uma demanda relacionada à atenção ao adolescente e sua sexualidade, ainda presente. Esta justifica-se pelo aumento do número de gestantes adolescentes que buscam o Centro de Saúde, bem como pela crescente procura dos jovens de diferentes idades por orientação à saúde, a maior parte, relacionada à sexualidade.

Durante o ano, pudemos realizar atividades educativas junto aos adolescentes e educadores da creche Recanto do Menor, localizada na área de risco de agravos à saúde pertencente ao Centro de Saúde de nossa referência. Pudemos constatar que nossas ações auxiliaram o adolescente a refletir sobre o exercício da sua sexualidade de forma prazerosa e menos preconceituosa. O trabalho junto aos educadores mostrou a possibilidade de construção do saber, por meio da desconstrução e reconstrução de alguns conceitos ultrapassados e a criação e ampliação dos espaços de discussão junto aos envolvidos jovens e educadores, sem tabus.

De acordo com AFONSO (1997), a informação sobre sexualidade torna-se, nas últimas décadas, um bem a que nem todos têm acesso e que está cada vez mais vinculado a uma sociedade que estende seu processo de racionalização à vida reprodutiva. Tal idéia se afirma pelo fato de os adolescentes não encontrarem nos serviços de saúde uma atenção capaz de minimizar os riscos que enfrentam e enfrentarão, ou seja, não temos ainda uma atenção voltada para a promoção e prevenção à sua saúde. Além disso, pensamos que o jovem bem assistido hoje, não será o usuário do Serviço de Saúde amanhã.

Assim, para esse ano, optamos por trabalhar junto às escolas da região de abrangência do Centro de Saúde, atendendo, inclusive a uma antiga solicitação de alguns diretores. Tal solicitação se justifica pelo fato de que, em diversas situações presenciadas junto aos adolescentes, tanto professores quanto orientadores, percebem uma lacuna nos conhecimentos acerca da sexualidade para interferirem de forma segura e sem preconceitos. Isso justifica também a freqüente solicitação de orientação voltada para os professores das instituições de ensino; um passo a ser dado em um futuro próximo. Consideramos a escola, um dos locais mais apropriados para o encontro com o adolescente e possibilidade de atingirmos suas reais necessidades. Segundo AFONSO (1997) a escola pode vir a ser um dos locais mais indicados para se transmitir aos jovens informações sobre a vida reprodutiva, bem como, para construir um espaço democrático de discussão dos valores e comportamentos vinculados à vida sexual e afetiva.

Nosso trabalho, portanto, diz respeito a um projeto de integração entre a academia, o serviço de saúde, creches e, atualmente, as escolas. Sendo assim, as atividades contam com a parceria dos membros da Equipe de Saúde da Família, entendido como uma proposta de reorganização do modelo assistencial, a partir de uma nova configuração do sistema de atenção básica que visa a atenção integral à saúde de um grupo populacional adscrito, através de diferentes formas de organização do trabalho. (SANTANA, 2000).

O desenvolvimento das atividades em conjunto com a equipe de saúde possibilita inovações e alimenta a esperança quanto ao enfrentamento de problemas que não puderam ser equacionados ao longo da experiência acumulada pelo sistema de saúde. Dessa forma, o projeto está estruturado em ações educativas, consultas de enfermagem ao adolescente (com o apoio da equipe multiprofissional do serviço) e do trabalho educativo junto aos educadores da creche e das escolas. A qualidade do cuidado nesses sentidos, não depende apenas das competências individuais dos diferentes atores envolvidos, sendo indispensável estabelecer os limites e a interface do fazer de cada integrante com os “fazeres” dos demais, incluindo-se aí, as atividades discentes supervisionadas.

Proporcionar condições para que a criança ou jovem se conscientize da sua responsabilidade para com sua saúde e sua sexualidade.

Desenvolver ações educativas com adolescentes, trabalhando a temática da sexualidade, sob a forma de oficinas.

Prevenir agravos à saúde do adolescente e promover a saúde, visando atender às suas inquietações e dúvidas.

Realizar consultas de enfermagem aos adolescentes que buscam o serviço de saúde.

Desenvolver ações educativas junto aos educadores da creche e escolas.

Metodologia

Como proposta metodológica, optamos pela realização de oficinas educativas sobre a sexualidade na adolescência, de forma co-participada e problematizadora. Para isso, é importante utilizarmos métodos que despertem a atenção e o interesse dos jovens, de modo a alcançarmos os objetivos comuns de sermos multiplicadores de conhecimentos tendo nos adolescentes os parceiros do trabalho educativo.

As ações educativas implementadas estão fundamentadas em uma concepção pedagógica participativa, buscando atender às necessidades e indagações dos adolescentes. A metodologia fundamenta-se na concepção problematizadora de Paulo Freire cujo desenvolvimento implica na utilização de diferentes estratégias e recursos tais como: os teatros educativos, jogos interativos, trabalhos de modelagem, dinâmicas de grupo, atividades festivas, jogos educativos, dramatizações, indicações de livros, revistas e programas de televisão, pintura numa lógica de “aprender brincando”. Serão realizados grupos operativos e momentos de bate-papo espontâneo para que o adolescente possa colocar as questões e vivências que os inquietam e afligem.

Na atividade educativa, trabalhamos de forma co-participada e problematizada, visando conseguir um maior envolvimento dos adolescentes e possibilitar que os conhecimentos trazidos da vivência sejam um ponto de partida para a construção e reconstrução de saberes.

Segundo FREIRE (1977), a educação é um saber fazer que só acontece no convívio social. O conhecimento não é apenas um simples acúmulo de conteúdos, mas sim, uma atividade permanente e sistematizada da sociedade humana. Uma atividade que se desenvolve à medida que o homem se propõe a responder a desafios de uma forma crítica e transformadora.

Nossa proposta, portanto, busca que os adolescentes respondam aos próprios desafios e se auxiliem mutuamente, utilizando-se da oficina educativa como um espaço de criação e compartilhamento. Nas oficinas, costuma-se dizer que se aprende fazendo. Uma oficina, além de ser um processo pluridimensional e criativo, é algo coletivo, que passa pela construção de várias pessoas. Por isso o compromisso e a responsabilidade dos participantes do grupo são essenciais: cada um assume uma tarefa na montagem ou produção do que se quer obter. O desafio é a criação coletiva a partir dos recursos do próprio grupo, a partir da prática de cada um em seu cotidiano. A organização do trabalho coletivo busca valorizar e potencializar a adversidade e a potencialidade de cada um. Segundo AFONSO (2002), a “oficina” pode ser útil na área da saúde, educação e ações comunitárias, uma vez que ela usa informação e reflexão, mas se distingue de um projeto apenas pedagógico, porque trabalha também com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido.

Resultados e discussão

Este novo enfoque nos levou à necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a adolescência. Esta é, na maioria das vezes, definida como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Trata-se de uma etapa da vida na qual ocorrem muitas alterações. O corpo começa a mudar e vão surgindo dúvidas, vontades, ansiedades. Nessa época, tudo é vivido intensamente e tudo muda muito rápido: o adolescente varia suas opiniões, idéias, comportamentos, humor, assim como muda de roupa. Tudo isso leva ao amadurecimento, que é o objetivo desta fase marcada por duas aquisições importantes: a capacidade reprodutora e a identidade pessoal.

Boa parte das dificuldades em saúde e educação para saúde, enfrentadas pelos adolescentes, é explicada por LEÃO (1998) ao afirmar que, individualmente, a atenção à criança e ao adolescente pelos clínicos e pediatras, centra-se, quase que exclusivamente, no cuidado com o corpo, negligenciando, freqüentemente, os cuidados com o seu desenvolvimento psíquico, sua educação e sua proteção. As fontes de informação para o adolescente, principalmente quando se trata da sexualidade, devem ser capazes de propiciar a este segurança e liberdade de expressão de dúvidas e problemas vividos em suas experiências. A sexualidade é um tema pertinente ao conceito da própria vida, no caso de nossa espécie não diz respeito apenas ao aspecto das funções reprodutivas, incluindo também aspectos relacionados ao desejo, a sedução, à emoção, ao prazer, à afetividade, à turbulência, à agressividade, ao diálogo, à energia, à busca de reconhecimento do próprio corpo, ao gesto, ao toque, à forma de olhar, à música, à dança, à relação, ao timbre diferente da voz ao falar com o outro, ao impulso, dentre outros. A sexualidade está na base de todas as relações humanas, e a estabilidade emocional do indivíduo está na dependência do equilíbrio da sua sexualidade, resgatando o lúdico, o proibido e o amoroso. A Educação Sexual inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através de nosso meio familiar, nossa crença, nossa religião, a comunidade onde nos situamos, nossos livros, amigos, professores, revistas, dentre outros meios.

Nesse sentido, COUTINHO (2001) afirma que os jovens estão insatisfeitos com a orientação sexual fornecida pela família e pela escola. Na grande maioria das escolas as informações sobre educação sexual, ainda hoje, são fornecidas nas aulas de ciências e biologia. O máximo que ensinam é sobre a fisiologia da ovulação, o que é espermatozóide e como acontece a fecundação, em linguagem simples, insuficiente e bem superficial. Nas instituições de ensino, não existe espaço para a discussão sobre sexualidade, o diálogo franco e aberto sobre as ansiedades e preocupações sexuais, pois têm medo de “despertar” ainda mais o desejo sexual dos jovens e não sabem responder às perguntas por eles formuladas.

De acordo com AFONSO (1997), os adolescentes, diante da possibilidade de reprodução e de uma nova experimentação da sexualidade, requerem um amplo suporte dos setores sociais por meio de políticas, recursos e processos de trabalho intersetoriais, interdisciplinares e participativos. É fundamental que se disponibilize uma atenção integral, específica e apropriada ao cuidado de suas vidas, mediante ações básicas encaminhadas em diferentes espaços, com a participação dos próprios adolescentes e de profissionais das diversas áreas.

A adolescência é uma fase de muitas dúvidas e transformações; o corpo modifica, a voz, o jeito de vestir, falar, pensar e expressar a sexualidade. Nessa fase inserem-se tabus, dúvidas, preconceito sociais, que na maioria do tempo revelados na escola. A escola, portanto, tem um papel essencial, pois de acordo com NUNES (2000) é um espaço marcante para a vida de crianças e adolescentes independente das concepções político-educacionais. Nela ocorrem diferentes formas de aprendizagem e relações: as formais e informais, as esperadas e as inesperadas. Dessa forma, as atividades de educação e saúde assumem papel estratégico no mundo escolar, fazendo com que os mesmos possam desconstruir para reconstruir os conhecimentos relativos à sexualidade.

O trabalho de orientação sexual deve ajudar a crianças e adolescentes a terem uma visão positiva da sexualidade, a elaborarem seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreenderem seu comportamento e o do outro, e a tomarem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual (NUNES, 2000).

Neste sentido, as inquietações vividas pelos adolescentes vão assumir características de acordo com a idade, sendo influenciadas, então, pelas particularidades de cada um em suas experiências. Entretanto, é sabido que muitos jovens iniciam sua vida sexual em idade precoce e que a manutenção de uma vida sexual sem preparo e cuidado pode trazer conseqüências muito sérias para o adolescente, como a gravidez indesejada, o aborto e as doenças sexualmente transmissíveis. Estudos têm demonstrado que muitos adolescentes, apesar de relatarem conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, não os utilizam. A gravidez acidental nas adolescentes causa na vida destas, um impacto social muito forte e, conseqüentemente, uma ruptura nos planos das jovens.

Assim, consideramos relevante toda e qualquer proposta que venha ao encontro das necessidades e anseios dessa população, tão carente de formação para a vida.

Nesse sentido, como primeiro passo para a realização do trabalho educativo, realizamos um levantamento das necessidades e temas junto aos adolescentes e dimensionamento das nossas reais possibilidades de intervenção. Definimos por trabalharmos com as turmas de 6º e 7º série do turno da tarde, alvo maior para esse momento. Optamos por estas turmas, primeiramente pela faixa etária mais elevada, uma vez que não temos condições para assumirmos todas as demais turmas da 5º série do turno da tarde. Consideramos também que, além da proposta junto aos jovens, mantemos as atividades educativas junto aos educadores da creche e pretendemos mais adiante, poder estender a proposta para os professores das escolas. É importante notar que é fundamental o trabalho com educadores, pois constatamos que são eles os responsáveis por uma informação objetiva, pontual e transparente em momentos cruciais da vida dos jovens, que via de regra, sem terem a quem recorrer, buscam no professor um esteio para suas dúvidas e angústias. A maioria das questões levantadas junto à população alvo estava relacionada a dois grandes temas: métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis, mas tendo em vista nossa experiência vivida com os jovens da creche, percebemos que existe uma lacuna no conhecimento em relação ao próprio corpo humano e às transformações sofridas na adolescência. Assim, constituímos um trabalho de modo que o desenvolvimento das oficinas possibilite sanar suas dúvidas e inquietações diversas, acrescentando alguns assuntos essenciais.

Os encontros são agendados de acordo com a disponibilidade de horário oferecida pelos professores e seguindo um cronograma flexível que abre espaço para novas necessidades, sempre que solicitadas. Durante as ações educativas, vários adolescentes manifestam experiências vivenciadas por eles, por seus amigos ou ainda aquelas compartilhadas com colegas, que enriquecem e tornam os encontros mais interessantes e produtivos. Sendo assim, trabalhando com adolescentes de 11 a 18 anos, em diferentes situações, percebemos o quanto os mesmos são carentes de informações seguras acerca da sexualidade, imprimindo em nós, enquanto multiplicadores do conhecimento, uma grande responsabilidade e uma busca constante por fontes de informações e atualizações, afim de saciar suas angústias. A experiência vivenciada nas ações educativas junto aos adolescentes, conta com recursos didáticos do Centro de Saúde e com a participação ampla dos mesmos, que permanecem a todo tempo atento aos temas trabalhados. Através de dinâmicas, estudos de caso e discussões de temas junto aos adolescentes, conseguimos trabalhar de forma lúdica a sexualidade. Com a vivência dessas ações, conseguimos constatar que o trabalho educativo para ser efetivo exige um contínuo repensar por parte dos educandos e educadores.

A atividade educativa deve ser a todo o momento reavaliada e implementada pelos sujeitos envolvidos nesse trabalho, sendo prazeroso e interessante para todos. Durante a

realização das ações educativas, percebemos que nem sempre conseguimos atingir todos os envolvidos e até mesmo esclarecer todas as suas dúvidas e inquietações e esse é, também, um aprendizado: o do limite do educador; por outro lado, conseguimos despertar o interesse e a atenção de muitos jovens no sentido de buscarem, cada vez mais conhecimento. Um conhecimento e uma educação que não se finda nunca, uma vez que, a cada ação educativa é dado um novo passo na formação do adolescente e do enfermeiro-educador.

Conclusões

Há uma contradição na sociedade contemporânea que estimula a livre prática da relação sexual, mas não oferece a educação necessária. Precisamos chegar a uma mentalidade preventiva, que nos permita ajudar estes adolescentes a viverem de forma mais saudável, segura e prazerosa a sua sexualidade, assistindo-os não apenas de forma física, mas também de forma psicológica e social.

Nesse sentido, nossa atuação junto aos adolescentes reforça a busca da construção de vínculos, proposta pelo atual modelo de atenção à saúde, fazendo com que os mesmos se sintam seguros para compartilharem seus conhecimentos e até mesmo adentrar nos serviços de saúde para buscar preservativos por exemplo, o que, sem o vínculo, faz com que estes se sintam constrangidos e sem direitos. Nosso trabalho também atua no sentido da busca incessante pela promoção da saúde junto aos adolescentes, minimizando a ocorrência de ações de recuperação da saúde junto a esta população.

Somos atores de um programa que tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento das capacidades por meio de atividades de ensino e execução de projetos extraclasse de uma Universidade pública, que deve direcionar suas atividades em busca de soluções para os grandes problemas sociais.

A tomada de consciência pelos adolescentes, ou seja, a transformação de seus projetos existenciais em ato presente vivido, na intersubjetividade das relações sociais e nas questões sexuais, poderá levar à transformação social frente à sexualidade e à educação sexual. Se conseguirmos, através de nossas ações, mudarmos o comportamento de pelo menos um adolescente frente à sua sexualidade, o resultado de nossa atuação já será válido.

Esperamos, portanto, criar condições para que o jovem possa se responsabilizar pelas suas ações, discutir sobre a sexualidade e posicionar-se de modo esclarecido, com liberdade e consciência do que faz. Essa vivência permitiu, também, uma otimização na formação discente, que parte da teoria e atua sobre a realidade prática, fato que possibilita melhor conhecimento e reflexão sobre a profissão na qual estamos nos inserindo. Para nós alunas, por meio da integração ensino-serviço-comunidade, esperamos avançar na construção de conhecimentos e práticas voltada à promoção da saúde do adolescente como retorno ao investimento que em nós é feito pela sociedade.

Referências bibliográficas

- AFONSO, L. Oficinas em Dinâmica de Grupo: Um método de intervenção psicossocial / Coordenação de Lúcia Afonso – Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.
- AFONSO, M.L.M. A polêmica sobre Adolescência e Sexualidade. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1997.
- COUTIHO, M.F.G. Adolescência: uma abordagem prática. São Paulo: Editora Atheneu, 2001. p.231-236.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.63-87.
- LEÃO, E et al. Pediatria Ambulatorial. 3 ed. Belo Horizonte: COOPMED, 1998. 908p.
- NUNES, M.J. A percepção do adolescente sobre sua sexualidade frente às Doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Dissertação de mestrado. Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2000.

SANTANA,J.P(org.). Organização do cuidado a partir de problemas: uma alternativa metodológica para a atuação da Equipe de Saúde da Família. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde/Representação Brasil, 2000. 80 p.